



DN

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Quarta-feira, 30 de Outubro de 2024 - Edição nº5195

De Segunda à Sexta - Editor interino: Laurindos Macuácuca - cell:863695967
Propriedade: Media - Jornalistas Associados Limitada - GABINFO-Dispensa de Registo - DE-2003

Redacção e Administração: Rua Dom João Castro, 321- Maputo - Moçambique
Telefone: 844719596 ou 875431598

E-mail: dndemoc@gmail.com

Assinaturas mensais: 700,00 MT (ordinária),
1.300,00 MT (institucional) e 1.750,00 MT (embaixadas e ONGs estrangeiras)



25 anos ao seu dispor - Tel: 21 492706/7
Rua Dom Joao Castro, 321 - Maputo
miramarkayakwanga@tdm.co.mz

EDITORIAL

Um Presidente indecoroso!

O Presidente Filipe Nyusi faltou com o decoro necessário para o exercício do cargo ao agir, como agiu, na comemoração da “vitória

” do candidato da Frelimo, Daniel Chapo. Nyusi, sob aplausos dos simpatizantes do partido de que ele ainda é líder máximo, saiu cantando que “Chapo Presidente, Cha-

po Presidente, doa a quem doer!”. Não é aceitável que o mais alto magistrado da nação seja tão distraído e irresponsável a esse ponto, ⇒

PEDIDO DE VENÂNCIO MONDLANE AO POVO MOÇAMBICANO

Uma semana de greve e marcha nacional para Maputo

(Maputo) O candidato presidencial Venâncio Mondlane apelou ontem a uma greve geral de uma semana em Moçambique a partir de amanhã, quinta-feira, manifestações nas sedes distritais da Comissão Nacional de Eleições (CNE) e marchas para Maputo em 07 de Novembro.

“Uma semana [até 07 de Novembro] é suficiente para sairmos todos dos nossos distritos, das nos-

sas localidades, para Maputo”, afirmou Venâncio Mondlane, que contesta os resultados das eleições gerais de 09 de Outubro, numa intervenção a partir da sua conta oficial na rede social Facebook.

Na intervenção, Mondlane apelou a manifestações junto das estruturas locais da CNE e sedes da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo, partido no poder) a partir de quinta-feira, 31 de Outubro, para quem não tem capacidade para se movimentar, pedindo

aos restantes, de todo o país, para iniciarem a viagem para Maputo até 07 de Novembro.

“Vamos encher toda a cidade de Maputo e estou a prever quatro milhões de moçambicanos (...), uma enchente nunca vista”, apelou, reconhecendo estar a pedir “um sacrifício” à população.

Esta será o que Venâncio Mondlane classificou de terceira etapa da contestação, que nas anteriores já envolveu confrontos violentos entre ⇒

Publicidade

AVISO

Renovação de assinaturas para 2025

A direção comercial da Media Jornalistas Associados, empresa proprietária do jornal *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (DN), informa que está aberta para novas subscrições e renovação de assinaturas para o ano 2024. Por favor contactar através do e-mail diariodenoticias@tv cabo.co.mz ou pelos telefones celulares 84 4719596 / 863695967.

Atenciosamente
Sector Comercial

sobretudo no contexto em que o País se encontra.

A reacção do Presidente deve ter surpreendido até alguns membros decentes do partido Frelimo, mas principalmente a comunidade internacional. O que Filipe Nyusi pretende que seja visto como sua marca pessoal, ou sinal de sua “autenticidade” como político, acaba envergonhando a nação, mas com destaque para a cadeira que ele ocupa.

Também é facto que Nyusi, desde que assumiu a Presidência, costuma recorrer à agressividade sempre que precisa mobilizar a militância nyusista para intimidar adversários políticos. A esta altura já está claro que Nyusi não conhece outras formas de fazer política.

No entanto, o que se testemunhou na comemoração da “vitória” de Daniel Chapo, foi muito além do tolerável (no contexto em que o País está dividido) até para o grosseiro padrão do nyusismo. Já seria indecoroso mesmo se Nyusi fosse apenas um membro do partido Frelimo do baixo clero; como Presidente da República, tal comportamento envergonha os cidadãos e enxovalha o País.

Nada justifica que o

Presidente tenha saído a cantar de forma como cantou, com ofensas aos moçambicanos, quando diz que “quem não gosta da Frelimo o problema é dele”. Que Filipe Nyusi tem dificuldades em lidar com o cargo que ocupa já está claro a esta altura – e não é o primeiro nem, provavelmente, será o último Presidente a ter esse tipo de problemas. Tampouco é segredo que Nyusi antagoniza com quem pensa diferente com o objectivo de desmoralizar os assuntos que lhe são desfavoráveis – e isso também não é novidade no mundo da política. Desta vez, porém, não há cálculo político que desculpe ou relativize o tom de Nyusi, próprio de arruaceiros que chamam desafectos para uma briga de rua.

Ao agir dessa maneira, Nyusi não apenas se apequena como Presidente, como dá a entender que a Frelimo está acuada, apesar de querer parecer diferente com cantigas de vitórias retumbantes que o mundo inteiro sabe que não existiram. Esta eleição ainda tem muitos pontos obscuros e é preciso aguardar que entidades autorizadas concluam o seu trabalho.

No momento, este escrutínio tem tudo de polémico, com potencial para prejudicar o Presidente – razão pela qual Nyusi faria bem se tratasse o

assunto com a maior descrição possível, pois é preciso preservar a Presidência, da qual depende a governabilidade do País.

Mas o Presidente parece simplesmente incapaz de se comportar de acordo com o cargo que ocupa e de compreender que esses maus modos, ao criar atritos e cizânias, podem prejudicar a imagem do País justamente no momento em que o assunto de Cabo Delgado ainda não está devidamente encaminhado.

O decoro no exercício da Presidência não é um capricho; é, antes, a consciência da responsabilidade – e dos limites – de quem conduz os rumos da nação, como chefe de Estado e de Governo. Não é qualquer um que pode ocupar a cadeira presidencial, por mais que o actual Presidente queira apresentar-se como um homem comum. A deferência ao cargo de Presidente da República é, antes de mais nada, deferência à própria noção da República, em que todos devem se submeter à lei – e mesmo a mais alta autoridade do País não pode fazer ou dizer o que lhe dá na veneta. Honestidade e postura devem emanar da cadeira presidencial. **(Laurindos Macuácuá)**

Uma semana de greve e marcha nacional para Maputo

apoiantes e a Polícia.

“Paralisação durante uma semana. Desta vez é coisa para doer. Temos de nos sacrificar pelo nosso país”, disse, insistindo: “A partir de quinta-feira, que é dia 31 de Outubro, marquem esta data. Vamos começar um novo ciclo, paralisação total, greve, manifestações públicas, na rua”.

“Vamos iniciar um ciclo

muito pesado. Eu, tu, temos de fazer alguma coisa por este país”, disse, na mesma intervenção.

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) anunciou na quinta-feira a vitória de Daniel Chapo, apoiado pela Frelimo na eleição a Presidente da República de 09 de Outubro, com 70,67% dos votos.

Venâncio Mondlane,

apoiado pelo Podemos, ficou em segundo lugar, com 20,32%, mas afirma não reconhecer estes resultados, que ainda têm de ser validados e proclamados pelo Conselho Constitucional.

A Frelimo reforçou ainda a maioria parlamentar, passando de 184 para 195 deputados (em 250), e elegeu todos os 10 governadores provinciais do país. **(Redacção)**

Médicos confirmam pelo menos dez mortos por baleamento

(Maputo) Pelo menos 10 pessoas perderam a vida em Moçambique entre os dias 18 e 26 de Outubro, vítimas de baleamento, num total de 73 casos registados, anunciaram ontem médicos moçambicanos, pedindo reforço ao atendimento às vítimas de traumas.

“No período compreendido entre os dias 18 e 26 de Outubro foram apurados 73 casos de baleamentos resultando em 10 óbitos”, anunciou ontem o bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique, Gilberto Manhiça, em declarações à imprensa, lendo um comunicado conjunto com a associação daqueles profissionais de saúde.

O advogado do candidato presidencial Venâncio Mondlane, Elvino Dias, e o mandatário do partido Podemos, Paulo Guambe, foram assassinados a tiro em Maputo, no dia 18 de Outubro.

Na sequência do duplo homicídio, Venâncio Mondlane convocou marchas, que apelidou de pacíficas, para os dias 21, 25 e 26 de Outubro, que acabaram por ser dispersadas pela Polícia com tiros para o ar e gás lacrimogéneo, registando-se confrontos entre as forças policiais e os manifestantes em vários pontos do país.

Em conferência de imprensa em Maputo, para fazer o ponto de situação desde o duplo homi-

cídio até ao último dos três dias das manifestações, os médicos moçambicanos denunciaram o “crescimento abrupto e elevado” de casos de violência com recurso a armas de fogo no país e pediram à Polícia para garantir a segurança de pessoas e bens.

Segundo os médicos, há mais mortos por baleamento na cidade e província de Maputo.

O presidente da Associação Médica de Moçambique, Napoleão Viola, pediu aos manifestantes para usarem “meios não violentos para manifestar a sua insatisfação e que as partes reconheçam e implementem medidas que assegurem a dignidade da pessoa humana”.

“Que o diálogo entre as partes prevaleça e se encontrem soluções para o diferendo”, defendeu, apelando ao reforço do atendimento em dias de manifestações: “Em dias em que há previsão de manifestações, é importante reforçar as escalas. Onde estão escalados dois profissionais, se calhar aumentar mais ou colocar alguns em espera para situações que possam a vir a ocorrer [com mais] entradas nas unidades sanitárias”.

Os médicos disseram que ponderam criar um sistema de apoio aos cidadãos que possa disponibilizar informações sobre pontos focais que permitam assegurar o socorro às vítimas,

sobretudo de baleamentos, durante as manifestações.

“Que temos tido situações de crise em relação à disponibilidade de meios não há dúvidas, mas o mais importante é ter capacidade de reagir para acomodar a situação que vivemos nesta altura. O que não faz sentido é ter compatriotas vítimas desta violência e não termos atendimento para estas pessoas, só porque há uma reserva de meios”, acrescentou.

Segundo fontes oficiais, pelo menos 24 pessoas ficaram feridas durante confrontos entre manifestantes e a Polícia nos passados dias 24 e 25, em Maputo, e 371 foram detidas.

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) anunciou na quinta-feira a vitória de Daniel Chapo, apoiado pela Frelimo na eleição a Presidente da República de 09 de Outubro, com 70,67% dos votos.

Venâncio Mondlane, apoiado pelo Partido Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique (Podemos, extra-parlamentar), ficou em segundo lugar, com 20,32%, mas afirma não reconhecer estes resultados, que ainda têm de ser validados e proclamados pelo Conselho Constitucional.

A Frelimo reforçou ainda a maioria parlamentar, passando de 184 para 195 deputados (em 250), e elegeu todos os 10 governadores provinciais do país. (Redacção)

MANIFESTAÇÕES PÓS-ELEITORAIS EM MOÇAMBIQUE

Pelo menos 47 pessoas baleadas

(Maputo) A plataforma eleitoral Decide, Organização Não-Governamental (ONG) moçambicana, disse ontem que pelo menos 47 pessoas foram baleadas durante as manifestações de contestação

das eleições em Moçambique da última semana.

“Foram também registados cerca de 47 casos de baleamentos pela Polícia, sendo, desse número, 46 civis e um polícia nas

províncias de Maputo, Manica, Tete, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia e Niassa”, lê-se num comunicado de actualização de dados sobre as manifestações,

divulgado na página do Facebook da plataforma eleitoral.

Segundo a ONG, entre os dias 21 e 27, período em que se registaram os protestos, pelo menos 11 pessoas morreram, das quais cinco em Nampula, no norte de Moçambique, três em Manica, no centro, e outras três em Maputo, sul do país.

A plataforma eleitoral Decide contabilizou ainda 464 casos de detenções ilegais durante as manifestações, de um total de 1.105 pedidos de intervenção em diferentes casos recebidos através da linha de denúncia disponibilizada pela entidade.

“Grande parte [das detenções] foi reportada à Ordem dos

Advogados de Moçambique, que procedeu com a soltura imediata de um pouco mais de 250 pessoas contabilizadas até então em quase todas províncias do país”, refere a plataforma.

Um pouco por todo o país foram registadas manifestações desde segunda-feira, maioritariamente violentas, em protesto contra os resultados das eleições de 09 de Outubro, após convocação de paralisações pelo candidato presidencial Venâncio Mondlane, que não aceita os resultados, que dão vitória a Daniel Chapo, apoiado pela Frelimo, no poder.

Além de Mondlane, o presidente da Renamo, actual maior partido da oposição, Ossufo Mo-

made, um dos quatro candidatos presidenciais, disse que não reconhece os resultados eleitorais anunciados pela CNE e pediu a anulação da votação.

O candidato presidencial Luterio Simango, apoiado pelo MDM, recusou igualmente os resultados, considerando que foram “forjados na secretaria”, e prometeu uma “acção política e jurídica” para repor a “vontade popular”.

O Centro de Integridade Pública (CIP) estima que dez pessoas morreram, dezenas ficaram feridas e cerca de 500 foram detidas, no contexto dos protestos e confrontos durante a greve e manifestações de quinta e sexta-feira. **(Redacção)**

PROTESTOS CONTRA OS RESULTADOS ELEITORAIS

HRW exige investigação a “uso excessivo” da força pela Polícia

(Maputo) A Human Rights Watch (HRW) exigiu ontem uma investigação imparcial às denúncias de recurso à força desproporcional por parte da Polícia contra manifestantes que protestaram contra os resultados eleitorais, apontando para 11 mortos em resultado dos confrontos.

“As autoridades devem investigar prontamente e imparcialmente o uso aparentemente excessivo da força”, refere a organização internacional em nota distribuída ontem à comunicação social.

Em causa estão os confrontos, na última semana, entre a Polícia e os apoiantes de Venâncio Mondlane, candidato presidencial que rejeita os resultados apresentados pela Comissão Nacional de Eleições (CNE) sobre a votação de 09 de Outubro em Moçambique.

Mondlane começou por convocar uma “paralisação geral”, mas, após o assassinio de Elvino Dias, seu advogado, e Paulo Guambe, mandatário do partido Podemos, que o apoia, chamou os seus apoiantes às ruas para

protestar “pacificamente”, tendo aí começado os confrontos entre manifestantes e a Polícia em vários pontos do país, com feridos e detidos, além de lojas fechadas.

Segundo a HRW, pelo menos 11 pessoas morreram e outras dezenas ficaram feridas durante as operações policiais em áreas residenciais.

“Mais de 50 pessoas sofreram ferimentos graves de bala, e muitas, incluindo crianças de apenas um ano de idade, inalaram gás lacrimogéneo que a Polícia disparou indiscriminadamente em áreas residenciais”, refere-se no comunicado HRW, que lembra ainda que a Constituição moçambicana protege os direitos à liberdade de reunião e expressão.

Na segunda-feira, a Polícia da República de Moçambique (PRM) anunciou que abriu um processo-crime contra o candidato presidencial Venâncio Mondlane e apoiantes, pela escalada de violência pós-eleitoral no país.

“A PRM já abriu um processo-crime contra o cidadão Venân-

cio Mondlane e seus simpatizantes pelos crimes de incêndio do posto policial, apoderamento de arma de fogo do tipo AK-47, actos que acabam colocando em alvoroço não só o distrito de Moma como também a própria província de Nampula”, declarou o porta-voz da corporação, Orlando Mudumane.

A Comissão Nacional de Eleições (CNE) anunciou na quinta-feira a vitória de Daniel Chapo na eleição a Presidente da República de 09 de Outubro, com 70,67% dos votos. Venâncio Mondlane ficou em segundo lugar, com 20,32%, mas afirma não reconhecer estes resultados, que ainda têm de ser validados e proclamados pelo Conselho Constitucional.

O Centro de Integridade Pública (CIP), uma organização não-governamental moçambicana que monitoriza os processos eleitorais, estima que dez pessoas morreram, dezenas ficaram feridas e cerca de 500 foram detidas, no contexto dos protestos e confrontos durante a greve e manifestações de quinta e sexta-feira. **(Redacção)**

Tribunal absolve 14 detidos em manifestação em Pemba

(Maputo) O tribunal de Pemba absolveu 14 manifestantes que tinham sido detidos durante os protestos de 21 de Outubro, na província de Cabo Delgado, convocados pelo candidato presidencial Venâncio Mondlane.

Na leitura da sentença, a juíza do processo, Madalena Sidumo, explicou que os manifestantes estavam acusados do crime de ofensas corporais contra as figuras do Estado, durante os protestos contra os resultados eleitorais e o homicídio a tiro, numa emboscada em Maputo, do advogado de Venâncio Mondlane, Elvino Dias, e do mandatário nacional do Podemos, Paulo Guambe, partido que apoiou a sua candidatura presidencial nas eleições gerais de 9 de Outubro.

Em concreto, os visados foram detidos pela Polícia da República de Moçambique por alegadamente terem arremessado pedras e outros objectos contra edifícios públicos e viaturas do Estado, bem como coacção sobre servidor público, durante a manifestação no dia 21 de Outubro, à semelhança dos protestos convocados por Venâncio Mondlane e que se registaram um pouco por

todo o país, mas com epicentro em Maputo.

Porém, o tribunal de Pemba concluiu que não foram identificadas as instituições do Estado e viaturas do Estado alegadamente vandalizadas no protesto e considerou como não provados os crimes.

“A segunda secção do tribunal judicial da cidade de Pemba, em nome da República de Moçambique e da lei, decide julgar improcedente a acusação do Ministério Público, não aprovada, e consequentemente absolver os co-arguidos”, disse a juíza Madalena Sidumo, durante a leitura da sentença, esta segunda-feira.

No dia 21 de Outubro, a Polícia da República de Moçambique usou gás lacrimogéneo e balas de borracha para dispersar manifestantes em Pemba, que responderam ao apelo do candidato presidencial Venâncio Mondlane para a realização de marchas pacíficas.

Os apoiantes do candidato, que estavam concentrados pela manhã, tentaram fechar, com recurso a barricadas, a avenida 25 de Setembro, a principal da cidade de Pemba, concretamente

na zona do embondeiro, no bairro de Cariacó.

“Estaremos a garantir a segurança de todos os moçambicanos, mesmo os rebeldes” disse um agente da Polícia no terreno, nesse dia.

A Polícia usou gás lacrimogéneo e balas de borracha para dispersar os manifestantes, mas estes voltaram horas depois para o mesmo local, obrigando à permanência dos agentes.

“Estamos aqui a garantir a ordem e segurança, ninguém será morto e nem atingido, são balas de borracha e gás lacrimogéneo para controlar a situação” disse outro agente, que não quis ser identificado. Os manifestantes empunhando alguns cartazes com frases como “povo no poder, entreguem o poder ao verdadeiro vencedor” arremessaram pedras contra a Polícia.

As manifestações desse dia - que depois continuaram em 24 e 25 de Outubro - foram convocadas para todo o país pelo candidato à presidência de Moçambique, Venâncio Mondlane, apoiado pelo partido Podemos, que reivindica vitória, nas eleições do dia 9 de Outubro de 2024. (Redacção)

ACUSA-O DE “MANIPULAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA”

Ministro do Interior diz que Mondlane está na África do Sul

(Maputo) O ministro do Interior, Pascoal Ronda, acusou ontem o candidato presidencial Venâncio Mondlane de “comandar”, a partir da África do Sul, a “manipulação da opinião pública”, incitando à violência.

“Os senhores sabem, nós sabemos, o Venâncio Mondlane é o autor moral destas manifestações.

Ele é que move com isto. Ele não está aqui agora, está na África do Sul, mas de lá comanda, usa as redes sociais, em que nós, como usuários dessas redes sociais, não devíamos permitir isso, porque manipula a opinião pública e causa destruições”, afirmou Pascoal Ronda, em declarações aos

jornalistas na sede do Ministério do Interior, em Maputo.

“Há muita família que está a chorar pelos danos que são causadas. Pessoas que são arrastadas a participar disso, mas depois, mais tarde, é que se arrependem disso. O que é que ganhamos com isso?”

Para quê”, questionou o ministro.

A intervenção de Pascoal Ronda foi feita cerca de uma hora antes de Venâncio Mondlane, que não reconhece os resultados das eleições gerais de 09 de Outubro, ter apelado a uma greve geral de

uma semana a partir de quinta-feira, manifestações nas sedes distritais da Comissão Nacional de Eleições (CNE) e marchas para Maputo em 07 de Novembro.

“Uma semana [07 de Novembro] é suficiente para sairmos todos

dos nossos distritos, das nossas localidades, para Maputo”, afirmou Venâncio Mondlane, que contesta os resultados das eleições gerais de 09 de Outubro, numa intervenção a partir da sua conta oficial na rede social Facebook. **(Redacção)**

TRATA-SE DE UM EMPRESÁRIO DO RAMO DE CONSTRUÇÃO CIVIL

Empresário português raptado no centro de Maputo

Acabaram eleições e começaram raptos em Maputo. Mais um rapto na cidade de Maputo. Foi raptado Fonseca da Tecno control e Lokal e o mandante do rapto foi Nthego Crisanto Nthego do SERNIC.

(Maputo) Um empresário português, de nome Fonseca e proprietário da Tecno Control e Lokal, foi raptado ao início da tarde de ontem no centro de Maputo, concretamente na avenida Armando Tivane, confirmou fonte policial.

“Foi raptado um português em Maputo, proprietário de uma grande empresa de construção civil”, disse fonte policial, prometendo mais detalhes nas próximas ocasiões.

O crime ocorreu no bairro da Polana, Avenida Armando Tivane, segundo fonte da Polícia, que confirmou o rapto, remetendo outros pormenores para mais tarde. Pelas imagens de vídeo-vigilância no local, é possível ver a chegada do empresário a um empreendimento no bairro da Polana, centro da capital, a conduzir sozinho a viatura, cerca das 12:00 .

Ao sair da viatura, um gru-

po de dois homens aproxima-se a pé e, com o apoio de outros dois que se faziam transportar numa viatura que para no local, carregam a vítima para o interior, sendo visíveis armas de fogo e pelo menos um disparo.

Trata-se do segundo caso de rapto conhecido em Maputo no mês de Outubro, mas no anterior, ocorrido em 11 de Outubro, também no centro da capital, a vítima foi libertada horas depois, na Matola, após perseguição policial.

Anteriormente, o último caso em Maputo aconteceu no início de Agosto, antes do início da campanha eleitoral para as eleições gerais de 09 de Outubro.

Cerca de 150 empresários foram raptados em Moçambique nos últimos 12 anos e uma centena deixaram o país por receio, segundo números divulgados em Julho pela Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA), que defende que é tempo de o Governo dizer “basta”.

“Já vão a caminho de 150. Abandonaram o país mais de uma centena. Não estamos

a falar daqueles que exerciam cargos da administração ou direcção, se contarmos com esses são muitos mais. Estamos a falar daqueles que detinham o capital, eram os accionistas das empresas”, afirmou, em conferência de imprensa, em Maputo, o presidente do pelouro de segurança e protecção privada da CTA, Pedro Baltazar.

“Passados cerca de 12 anos desde a ocorrência do primeiro rapto, achamos que é tempo suficiente para que o Governo se pressione de forma mais pragmática a dar um basta a este mal. Por isso, reiteramos a necessidade de o Governo acolher as medidas propostas pelo sector privado”, afirmou o dirigente da CTA, reconhecendo o impacto de “bilhões de dólares” na economia e no emprego no país.

A Polícia registou, até Março, um total de 185 casos de raptos e pelo menos 288 pessoas foram detidas por suspeitas de envolvimento neste tipo de crime desde 2011, anunciou anteriormente o ministro do Interior, Pascoal Ronda. **(Redacção)**

DN

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

**CARO EMPRESARIO E LEITOR
ANUNCIE SEUS SERVIÇOS E ASSINE O
DIÁRIO DE NOTÍCIAS**